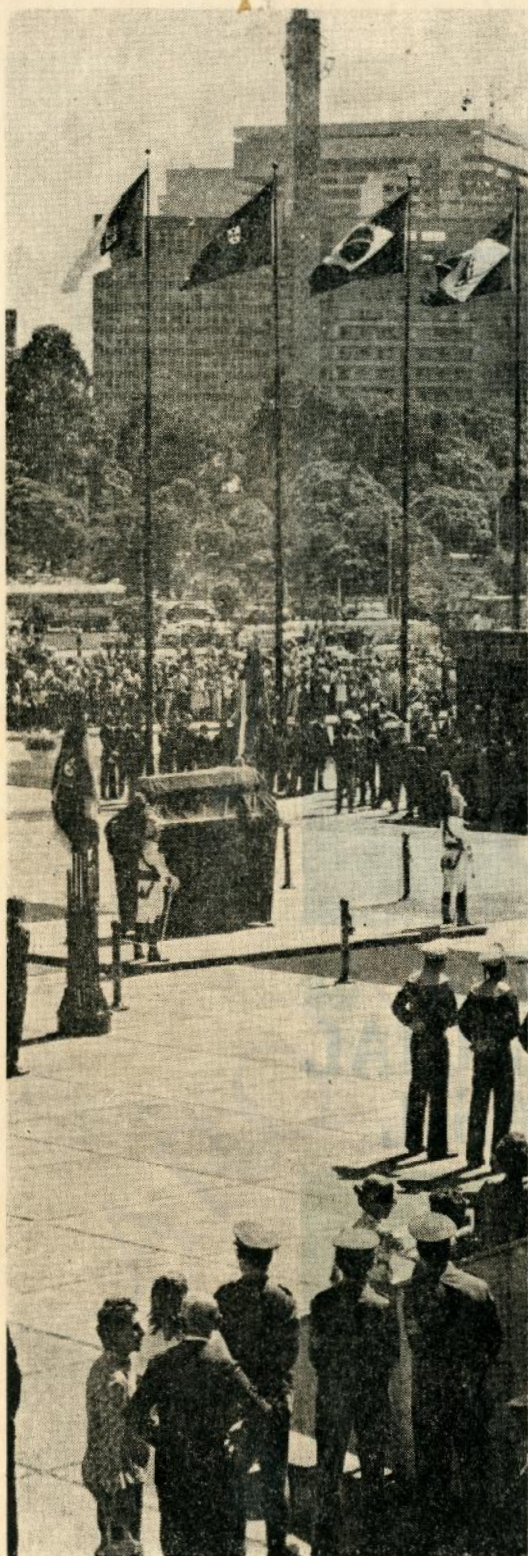




VIAGEM
PRESIDENCIAL
AO BRASIL

NOTÍCIAS
DE PORTUGAL



SOBERANO
DE DUAS PÁTRIAS
E AMBAS AMOU

GESTO FRATERNO
RARO
E GENEROSO

O Sr. Almirante Américo Thomaz, no momento da entrega dos restos mortais de D. Pedro I ao povo brasileiro proferiu o seguinte discurso:

É no dia em que se comemora mais um aniversário do achamento das formosas Terras de Santa Cruz por Pedro Álvares Cabral — dia da nossa Comunidade — e no ano em que o Brasil celebra jubilosamente século e meio de vida própria, que chego à cidade maravilhosa do Rio de Janeiro. E traz-me a missão transcendente de entregar ao Povo Brasileiro, em representação do Povo Português, os restos mortais de D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal.

Sempre esta Nobilíssima Nação, irmã da Minha, ardentemente anseou por conseguir de Portugal a dádiva dos restos mortais do seu primeiro imperador e instaurador da sua independência. Mas o entranhado amor à sua posse, que existia igualmente no outro lado do Atlântico, não permitiu viver mais cedo o acto que hoje tão solenemente se concretiza. A Portugal era compreensivamente penoso ver partir os restos mortais de D. Pedro IV, deixando para sempre vago o sarcófago que ocupavam em S. Vicente de Fora, no Panteão, agora incompleto, dos reis da dinastia de Bragança. Mas perante os termos altamente penhorantes e persuasivos em que foi feito o último apelo do Brasil, Portugal cedeu, mostrando que o seu amor a esta Terra, em que orgulhosamente me encontro, acabou por superar a grandeza do seu sacrifício. A atitude com-

Em resposta o Presidente Emílio Médici afirmou:

Senhor Presidente, emocionado e agradecido, recebo, em nome do povo brasileiro, os restos mortais de D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal, que a Nação portuguesa, tetemunhando a amizade que nos irmana, aceitou em confiar à nossa guarda.

Este gesto fraterno, raro e generoso, exprime a certeza de que são permanentes e inquebrantáveis os vínculos raciais, a comunhão de sentimentos, a afinidade de espírito e a vocação cultural que unem os nossos povos.

Afirmando-se, ao longo dos tempos, pelo vigor e audácia de seus filhos, como intemorato protagonista da História, Portugal infunde na alma brasileira a energia da sua capacidade criadora.

Retorna ao solo brasileiro o defensor perpétuo do Brasil, aquele que, por amor à nossa gente, renunciou ao trono da Nação que ajudou a construir. Os seus depósitos mortais estarão divididos, doravante, entre a cidade do Porto e a cidade de São Paulo, como divididos estiveram sempre o seu espírito e o seu afecto entre as duas pátrias que igualmente amou.

Imperador brasileiro, não deslembra Portugal, rei português, não esquecia, um só instante, o seu Brasil. Também nós jamais o esquecemos, reivindicando-o sempre para as honras de nossa gratidão.

O cerco do Porto e o grito do Ipiranga — os dois maiores momentos de sua grande vida — marcaram o seu destino histórico. Acompanhado, nessas jornadas inesquecíveis por homens de Portugal e homens do Brasil, não lhe faltou nesses dias decisivos, a aliança dos heróis das duas pátrias, a devoção de homens que, servindo fielmente ao Brasil e a Portugal, em largos períodos de sua história, exprimem com eloquência o seu modo irmanado e solidário de estar no Mundo.

Quis a fidalguia da Nação portuguesa e o benquerer de seu Presidente pelo Brasil que, ao traço emotivo desta cerimónia, se misturasse a satisfação que tem o Brasil de receber na pessoa de Vossa Excelência, o estadista ilustre e o amigo leal, a quem, por meu intermédio, a Nação brasileira reafirma a constância do seu afecto pelo grande e nobre povo português.



*O encontro
no Rio
de Janeiro,
dos dois
Presidentes*

preensiva e amiga de Portugal encheu de alegria a alma do Povo Brasileiro e isso basta para que eu possa afirmar convictamente, neste momento soleníssimo, valeu a pena ceder.

D. Pedro foi soberano de duas Pátrias e ambas amou afincadamente. Não se pode afirmar, com segurança, a qual delas quis mais, mas é de admitir que o Brasil tivesse constituído o seu Torrão predilecto, pois o amou com toda a sua

juventude, com toda a intensidade do seu carácter viril e com a espontaneidade fulgurante do seu ânimo insofrido.

Nesta outra hora gloriosa de celebração da independência brasileira, em que volta a participar reconhecidamente o chefe do Estado português, a oferta dos restos mortais do primeiro imperador do Brasil tem um significado de luminoso simbolismo: D. Pedro é, na verdade, o primeiro precursor da Comunidade Luso-Brasileira, pois foi ele quem lançou o grito definitivo da independência do Brasil, e foi ele quem acudiu à sua Pátria de origem, num instante de supremo debate ideológico. D. Pedro constituiu, afinal, uma simbiose perfeita de português e de brasileiro.

Há figuras que impregnaram para sempre a Terra em que viveram e lutaram com o viço da sua alma forte e genroso; por isso os portugueses jamais poderão esquecer o varão magnífico que despendeu durante o cerco do Porto, sem limites e sem restrições, as heróicas energias do seu corpo e da sua vontade. Mas ao despedir-se, comovidado, dos restos mortais do seu rei D. Pedro IV, ficou na alma do Povo Português, como lenitivo bastante, a convicta certeza de haver praticado um acto de amizade, sem par, para com o Povo irmão de além-Atlântico.

É com emoção que vos confio, meus irmãos brasileiros, os restos mortais do grande Chefe que criou há cento e cinquenta anos esta Pátria portentosa e que doou ao meu País o seu coração e os seus ideais.

Doravante, o relicário onde, em Terra Portuguesa, guardamos o seu coração, e o túmulo em que, na Terra Brasileira, Ele repousará, serão altares segrados da impercível identidade dos dois Povos e símbolos perenes dos valores da Comunidade que os une.



HORA ALTA DE DUAS PÁTRIAS

MAIS uma grande jornada na história das duas pátrias lusas começou no passado dia 22, quando o Chefe do Estado de Portugal, Almirante Américo Thomaz, desembarcou no Rio de Janeiro, em visita oficial, para fazer entrega ao Brasil dos restos mortais do seu primeiro Imperador D. Pedro I, que foi D. Pedro IV de Portugal.

O encontro entre os Presidentes Thomaz e Medici tem a força simbólica do encontro entre dois povos irmãos pelo sangue e pelo espírito. E estes factos ninguém pode negar ou destruir. Portugal e o Brasil constituem hoje no Mundo uma força que outros países devem ter em conta, sobretudo quando certos sonhadores, movidos por inspirações tendenciosas, pretendem traçar planos que ultrapassam os limites do respeito pela integridade de territórios alheios.

Não se duvide, não se hesite, tenha-se a certeza: A Comunidade Luso-Brasileira é hoje uma realidade. Quem fere um português fere um brasileiro e vice-versa. Portugueses e brasileiros são sangue do mesmo sangue, abraçados eternamente pelo Atlântico. «Sangue da mesma veia e portadores do mesmo património, chamados a construir uma Comunidade única, que nos situa, económica e politicamente, como uma potência do próximo século XXI» — escreveu o jornalista Theófilo de Andrade, director de «O Jornal», do Rio de Janeiro.

O Chefe do Governo português, prof. Marcello Caetano, nas palavras que escreveu para o caderno especial do «Diário de Notícias», que foi distribuído no Brasil no Dia da Comunidade Luso-Brasileira, integrado nas páginas de «O Jornal» do Rio de Janeiro, afirma em dado passo: «D'ora avante o português não será mais, de direito, estrangeiro no Brasil, como já o não era de facto. Nem o brasileiro terá em Portugal nada que lhe destrua a fundada convicção de se achar na própria Pátria». É isto a Comunidade.

O COMOVIDO ENCONTRO DOS DOIS PRESIDENTES

Brasil e Portugal uniram-se, no passado dia 22, num comovente tributo ao homem que declarou a independência brasileira, com a presença dos presidentes dos dois países, Emílio Garrastazu Médici e Américo Thomaz, nas cerimónias do regresso ao Brasil dos restos mortais do imperador D. Pedro I.

Milhares de brasileiros e de imigrantes portugueses alinharam-se ao longo das ruas do Rio de Janeiro para saudarem os dois Chefes de Estado e observarem o desfile dos restos mor-

tais do imperador D. Pedro para o Palácio da Boa Vista.

O acontecimento simbolizou os íntimos laços que unem os dois países, após 150 anos de independência brasileira, na comemoração de cujo aniversário a trasladação dos restos mortais de D. Pedro constituiu um significativo exemplo da amizade luso-brasileira.

Eram precisamente dez horas e dezoito minutos, locais, quando, no Cais da Bandeira, defronte do edifício onde funcionou o Ministério brasileiro da Marinha até à sua transferência para Brasília, trocaram efusivo abraço os presidentes Américo Thomaz, de Portugal, e Médici, do Brasil.

O Presidente Médici estava acompanhado por sua esposa e pelo chefe do protocolo da Presidência da República.

Assim que desembarcou o Presidente Thomaz, a bandeira portuguesa subiu ao mesmo mastro a que subira a do Brasil, no momento em que chegara o Presidente Médici.

Defronte, formavam um batalhão de fuzileiros navais com a respectiva banda e o batalhão dos aspirantes alunos da Escola Naval, todos com uma pequena bandeira portuguesa na baioneta da espingarda.

APOTEOSE NA AVENIDA RIO BRANCO

Em seguida, foi a apoteose, quando o cortejo dos dois presidentes subiu, a caminho do Monumento aos «Pracinhas», a Avenida de Rio Branco, entre arranha-céus, com uma densa massa de papelinhos com as cores nacionais de ambos os países caindo incessantemente de todas as janelas, sob grandes faixas de pano atravessadas de lado a lado na famosa artéria, onde se lia: «A Guanabara saúda o Presidente de Portugal», «Povos unidos, Portugal e Brasil», «Dois povos caminhando para o futuro», «Acreditamos na Comunidade», «Nunca nos separamos, mas hoje estamos mais perto do que nunca uns dos outros».

A URNA DESCE EM TERRA BRASILEIRA

Entretanto, comboiado por outros navios-patrolha, mas distinguindo-se por ter o casco pintado de branco e o tombadilho todo verde, o patrulha «Pirague» atracava ao cais flutuante do morro da Viúva, pelas 10,30.

Junto ao cais, a urna contendo os restos mortais do Imperador D. Pedro I passou de bordo do «Pirague» para um tanque anfíbio do Exército brasileiro. Um destacamento com fardas do Império prestou honras militares em conjunto

com fuzileiros navais, com banda, que executou a «Marcha Fúnebre» de Chopin.

Depois, já com a urna no tanque anfíbio foram executados os hinos de Portugal e do Brasil, enquanto os canhões do destacamento de fuzileiros disparavam uma salva de vinte e um tiros, a marcar o instante em que o corpo de D. Pedro descia em terra brasileira.

Num palanque armado do lado esquerdo do cais tinham já tomado lugar as entidades oficiais: os ministros português e brasileiro da Marinha, o ministro da Justiça do Brasil e demais elementos das comissões especiais portuguesa e brasileira, e o ministro Hegberto Mafra, representando o Ministério Brasileiro das Relações Exteriores.

O cais flutuante fora montado na orla da Avenida das Nações Unidas, por altura do morro da Viúva. Tanto o cais como toda a Avenida estavam embandeiradas. Eram bandeiras de Portugal e do Brasil — actuais e também do tempo do Império — abraçadas em todos os postes de iluminação e em mastros formados por antigas espingardas «Mausers» de 1908.

Eram 10,30 (hora do Rio), quando chegaram, junto do monumento, os dois presidentes, vindos do Cais da Bandeira.

A frente do cortejo vinham cadetes das três armas, portadores, em almofadas, da coroa imperial, do ceptro que foi de D. João VI antes de ser dos dois imperadores do Brasil, do «sobre da independência», desembainhado pelo príncipe junto às margens do Ipiranga, do colar da Ordem de D. Pedro I, de um exemplar do hino brasileiro e de outro da Constituição do Império, além das condecorações do imperador.

Aos cadetes das três armas seguiam-se as comissões especiais, encarregadas da transferência dos restos mortais do imperador: a brasileira chefiada pelo ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, e a portuguesa, trazendo à frente o ministro da Marinha, Almirante Pereira Crespo.

Com os seus uniformes de imaculada brancura, rutilantes capacetes, cavalos de um negro igual, vinham, depois, portadores de um friso de bandeiras, «dragões da independência». Entre as bandeiras, ao centro, as actuais bandeiras, portuguesa e brasileira. A ladeá-las, bandeiras portuguesas e brasileiras da época da independência, incluindo a de D. João VI.

Outros «dragões da independência» escoltavam o tanque anfíbio em que vinha a urna, coberta por um pano roxo e encimada por uma reprodução em bronze, da coroa imperial.

MILHARES DE CRIANÇAS CANTAM OS HINOS DE PORTUGAL E DO BRASIL

Em frente do palanque onde esperavam os dois presidentes, o cortejo deteve-se, ouviram-se os hinos de Portugal e do Brasil, cantados em coro por milhares de crianças e de jovens das escolas. Ouviu-se mais uma salva de vinte e um tiros e, devagar, com toda a solenidade, a urna foi transportada, aos ombros de marinheiros portugueses e de fuzileiros navais brasileiros, do tanque anfíbio em que viera para a eça que havia sido preparada diante do palanque presidencial, onde,

além dos dois Chefes de Estado, se encontravam, também, as senhoras de Américo Thomaz e de Garrastazu Médici, o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugénio Sales, e membros do Supremo Tribunal de Justiça, do Congresso Federal e das Forças Armadas, além do Corpo Diplomático.

Noutra tribuna, fronteira à presidencial, assistiam outras altas individualidades brasileiras e os dirigentes das associações portuguesas do Brasil e luso-brasileiras.

Seguiram-se os discursos dos dois presidentes, que publicamos na página três.

ASSINATURA DO AUTO DA ENTREGA AO BRASIL DOS DESPOJOS DE D. PEDRO

Após os discursos proferidos pelos presidentes de Portugal e do Brasil, foi assinado, pelo Almirante Américo Thomaz, o auto de entrega ao Brasil dos restos mortais do imperador D. Pedro I, acto este a que se seguiu a execução, pela banda da Academia Militar das Agulhas Negras, do «Hino da Independência», acompanhado em coro pelos alunos das escolas do Rio, que envergavam batas verdes, amarelas e vermelhas — as cores nacionais dos dois países da Comunidade Lusitana.

Dois helicópteros da Força Aérea Brasileira sobrevoaram incessantemente o local, enquanto os navios de guerra permaneciam defronte do monumento, tão perto de terra quanto possível.

A urna seguiu, depois, de novo em cortejo, para a Quinta da Boa Vista, onde se realizou a cerimónia da sua entrega à guarda do Governo do Estado da Guanabara.

Ali receberam os dois presidentes os cumprimentos dos príncipes da casa imperial brasileira, depois do que se despediram um do outro.

ESPECTÁCULO DE GALA NO TEATRO MUNICIPAL

Seguidamente realizou-se um almoço íntimo na Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro. No final, o Presidente Américo Thomaz, acompanhado pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Rui Patrício, recebeu os cumprimentos de todo o pessoal da Embaixada de Portugal, do Consulado Geral, do Centro Português de Turismo e da Agência Financeira.

À noite, no Teatro Municipal, os dois presidentes assistiram a um espectáculo de gala. Foi constituído essencialmente por um bailado denominado «Descobrimto do Brasil», da autoria de Vila Lobos, o grande compositor e maestro brasileiro, falecido há 13 anos.

O espectáculo contou com a participação de 350 pessoas entre actores, coro, componentes do corpo de baile e das escolas de danças clássicas, figurantes, alunos da Escola de Arte Dramática Martins Pena, alunos da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro e soldados da Polícia do Exército.

A montagem custou cem mil cruzeiros e os cenários e figurinos foram feitos especialmente para esse espectáculo. De Paris deslocou-se a coreógrafa Tatiana Leskova, responsável por esse sector.

Os cenários são, na primeira parte e na segunda, muito simples, constituídos apenas por uma caravela e um imenso mapa, além de um painel com trechos da carta de Pero Vaz de Caminha. Num jogo de luzes aparecem, depois, imagens de Brasília, que contrastam com as cenas passadas na Escola de Sagres, na corte portuguesa, do embarque e durante a viagem para o Brasil.

Na terceira parte, o cenário é mais vistoso e complexo, servindo de fundo a um «ballet» moderno que representa o desembarque no Brasil,

RUI PATRÍCIO AOS JORNALISTAS: O BRASIL DEIXOU DE SER FUTURO. É PRESENTE

«A imagem que do Brasil se tem hoje em Portugal e no resto da Europa — declarou a jornalistas brasileiros o ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício — é uma coisa impressionante. Sem medo algum de errar, posso acrescentar que os técnicos em economia de que o Governo Brasileiro soube rodear-se são dos melhores do mundo e não sou eu o único a dizê-lo. Quanto a mim, o Brasil já «é». Deixou de ser futuro. É presente que todos sentem e vêem.»

Disse também o ministro português:

«Do que precisamos é aproximar os nossos dois povos mais ainda, para que os contactos se não estabeleçam apenas ao nível dos estudantes, dos técnicos, dos pedagogos, dos homens de letras e dos jornalistas. Tem de haver também um contacto maior entre as massas populacionais dos dois países, o que não quer dizer, evidentemente, que se não intensifique, por outro lado, o intercâmbio de estudantes e não se promova, ainda por outro lado, o turismo. Novas formas de cooperação surgem, entretanto, e é necessário que os esforços dos particulares aumentem e se aliem aos desenvolvidos pelos dois Governos.»

os primeiros contactos entre índios e portugueses, as danças indígenas, os mitos da terra e a primeira missa.

Paulo Padilha foi o actor convidado para representar o papel de Pedro Álvares Cabral, sendo a direcção do espectáculo de Arlindo Rodrigues.

DIA DEDICADO AOS PORTUGUESES DO BRASIL

Inauguração do Hospital da Beneficência

O segundo dia da visita do Chefe do Estado ao Brasil foi essencialmente dedicado aos portugueses que vivem no País irmão.

Logo de manhã, o Sr. Almirante Américo Thomaz inaugurou as novas instalações do Hospital de Santa Maria, da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, onde foi recebido pelo Governador do Estado da Guanabara, Chagas Freitas; Ministro brasileiro da Saúde, Rocha Lagoa; Embaixador do Brasil em Lisboa, Prof. Gama e Silva; Presidente da Federação das Associações Portuguesas do Brasil e Luso-Brasileiras, Dr. Gomes da Costa e outras individualidades, além dos corpos gerentes da Beneficência.

Acompanharam o Chefe do Estado português todos os elementos da comitiva presidencial, incluindo os Ministros dos Negócios Estrangeiros, Dr. Rui Patrício; e da Marinha, Almirante Pereira Crespo; e o Secretário de Estado da Informação, Dr. Moreira Baptista.

A Beneficência Portuguesa é uma das cento e sessenta associações portuguesas e luso-brasileiras que há em todo o Brasil, das quais 45 só na Guanabara. No seu conjunto, tem uma massa associativa de mais de quatro mil filiados. Juntamente com o Real Gabinete de Leitura, a Beneficência é das mais conhecidas e das mais prestigiosas realizações dos portugueses estabelecidos no Brasil.

A construção do novo hospital foi iniciada há onze anos e representa o resultado de numerosas boas vontades, de uma teimosa perseverança que parece animar todos os portugueses residentes no Brasil quando a beneficência está em causa.

Cortada a fita simbólica pelo Chefe do Estado, o capelão da Beneficência, Rev. Padre Camilo, lançou a bênção ao novo hospital e, no átrio do novo estabelecimento hospitalar, foi descerrada uma placa em que se lê:

«A S. Ex.^{ta} o Sr. Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz, Presidente da República Portuguesa, homenagem da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, pela honra insigne de proceder hoje à inauguração deste hospital».

A MAIS ALTA CONDECORAÇÃO DA BENEFICENCIA PARA O PRESIDENTE THOMAZ

O Chefe do Estado português, depois, percorreu as instalações — modelares — do novo hospital, e no salão nobre do antigo edifício presidiu a uma sessão solene, tendo à sua direita o Ministro brasileiro da Saúde e à esquerda o Governador do Estado da Guanabara.

Aberta a sessão, o presidente da direcção da Beneficência Portuguesa, Comendador Alves Moreira, impôs ao Almirante Américo Thomaz o colar da Ordem Humanitária — «a mais alta condecoração (acentuou) de que a Beneficência, na sua modéstia, dispõe».

No seu discurso, o Comendador Alves Moreira acentuou que o Hospital de Santa Maria da Beneficência Portuguesa vai inserir-se e engrandecer a rede hospitalar da Guanabara, a bem da Comunidade Luso-Brasileira.

Depois de agradecer a presença do Presidente português e do governo da Guanabara na sole-

nidade que é, por igual, brasileira e portuguesa, pois representa o esforço dos portugueses do Brasil fraternalmente secundado pelos seus irmãos brasileiros, o Comendador Alves Moreira salientou a tradição, nitidamente lusiada, da instituição a que preside.

O GRANDE OFICIALATO DA ORDEM DO INFANTE PARA O COMENDADOR ALVES MOREIRA

Seguidamente, o Chefe do Estado português impôs ao Comendador Alves Moreira as insígnias do grande oficialato da Ordem do Infante D. Henrique, depois do que, num curto improviso, agradeceu as referências e recordou a obra de benemerência que ao longo dos anos esta associação tem realizado e outras obras do mesmo género efectuadas através do mundo, igualmente por iniciativa de portugueses, salientando:

«Tais obras nunca se realizam em vão».

Em dado passo disse:

PALAVRAS DO CHEFE DO ESTADO

«É uma obra que honra brasileiros e portugueses, e sobretudo aqueles que meteram ombros a tão grande tarefa e conseguiram vencer a batalha em que se empenharam.»

Prosseguindo, o Chefe do Estado português

declarou-se agradavelmente impressionado com tudo quanto viu, salientando que se considerava duplamente homenageado e gravaria na sua alma a gentileza de lhe terem permitido inaugurar tão magníficas instalações.

Mais adiante, disse o Almirante Américo Thomaz: «Portugal trilha hoje uma senda de progresso, sem esquecer o seu passado glorioso. Um é complemento do outro: ambos dignificam Portugal».

CONDECORADOS VÁRIOS DIRIGENTES DA BENEFICÊNCIA

Seguidamente, o Embaixador de Portugal no Rio, Dr. José Manuel Fragoso, entregou a outros dirigentes da Beneficência — os Srs. Manuel da Silva Abreu, Manuel Leiria Costa, Dr. Mário Melo, Benjamim Rocha, Albano Almeida, Albano Oliveira, Alberto Oliveira, Alberto Silva Monteiro, Augusto Sebastião de Carvalho, Carlos Santos, António Cepas, António de Sousa Lemos, António Aires, António Garcia, Manuel Fernandes da Costa e José Pereira da Rocha — as condecorações com que o Presidente da República os agraciara.

Foi então descerrada, no próprio salão em que decorria a sessão solene, outra lápida, esta com os seguintes dizeres:

«A real e benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, em comemoração da honrosa



A urna no tanque amfibio



Chegada dos dois Presidentes ao Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial

visita do Sr. Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz por ocasião da sua vinda ao Brasil. Aos vinte e três de Abril de mil novecentos e setenta e dois».

CONVERSA AFECTUOSA COM OS DOENTES DO HOSPITAL

Depois, assinada a acta da inauguração, encerrou-se a sessão solene e foi então informado o Chefe do Estado português de que todos os doentes internados no antigo hospital haviam teimado em levantar-se, no propósito de o saudar. E com todos eles, por alguns momentos, conversou afectuosamente o presidente Américo Thomaz.

Cerca das 11 horas (15 em Lisboa) assistiu, na Igreja da Candelária, à missa mandada rezar pela colónia portuguesa. O celebrante foi o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugénio Sales.

Concluída a missa, e na presença do Cardeal do Rio, o provedor da irmandade, Comendador Silvío António da Silva, acompanhado por sua esposa, entregou as insígnias de irmão da Candelária ao Chefe do Estado português e à senhora de Américo Thomaz, com os respectivos diplomas.

Terminada a cerimónia religiosa, o Chefe do Estado português presidiu ao almoço de mil ta-

lheres, que as associações portuguesas e luso-brasileiras ofereceram em sua homenagem, no Real Clube Ginástico Português.

Entre os convivas contavam-se o Governador do Estado da Guanabara, Chagas Freitas; o Vice-Governador, Erasmo Martins Pedro; Embaixador do Brasil em Lisboa, Prof. Gama e Silva, Ministro Venâncio Igrejas, do Tribunal de Contas; Prof. Pedro Calmon, da Comissão do Sesquicentenário, e o jornalista Teófilo de Andrade, director de «O Jornal».

Presentes estavam ainda não apenas as mais destacadas figuras da colónia portuguesa do Rio de Janeiro e de Niterói, mas também delegações de quase todos os núcleos de portugueses espalhados pelo Brasil, desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas.

Antes de se iniciar o almoço de homenagem ao Chefe do Estado, a esposa do comendador António Alves Sarda, D. Dulce Sarda, ofereceu como lembrança à senhora de Américo Thomaz uma gargantilha de águas-marinhas do Brasil.

UMA MENSAGEM DOS PORTUGUESES DO BRASIL PARA O POVO PORTUGUÊS

Aos brindes, usou da palavra, como presidente da Federação das Associações, o Dr. António Gomes da Costa, cujo discurso foi frequentemente interrompido com aplausos, nomeada-

«Demos à nação optimismo, alegria, coragem, fé nos seus destinos. Retemperemos a sua alma forte ao calor dos grandes ideais e tomemos como nosso lema esta certeza inabalável: Portugal será, nós assim o queremos, uma grande e próspera nação».

Sr. Presidente da República, o nosso agradecimento comovido por ter vindo ao Brasil, o nosso respeito e a nossa admiração profunda por tudo o que tem feito pela Pátria, o nosso carinho pelo carinho sem limites que tem consagrado ao povo português.

Meus irmãos brasileiros e portugueses: todos de pé saudemos duas pátrias. Pedindo as bênçãos de Deus para a sua grandeza e o seu futuro. Viva o Brasil — Viva Portugal».

É INDISPENSÁVEL QUE OS PORTUGUESES LEVEM A TODAS AS PARTES O TESTEMUNHO VIVO DO PORTUGAL DE AGORA

Falou, seguidamente, o Presidente Américo Thomaz, que disse:

Volvidos mais de dezoito anos sobre a viagem inaugural ao Brasil, Uruguai e Argentina do Paquete «Santa Maria», em que tive a grata consolação de participar e me foi dado o privilégio de visitar pela primeira vez o Rio de Janeiro, de novo me encontro nesta maravilhosa cidade, encanto permanente para todos que aqui chegam, mormente em seus peitos e por graça de Deus, pulsam corações lusíadas. Foi em 22 de Novembro de 1953, poucos dias após a assinatura no Itamarati, do Tratado de Amizade e Consulta entre os dois povos irmãos, que aqui cheguei e logo fiquei definitivamente conquistado pelo fascínio de que a visão magnífica e inesquecível da chegada à Baía da Guanabara é causa. Foi na qualidade de Ministro da Marinha que então visitei o Brasil, visita tornada oficial a gentil convite do Governo brasileiro. Foi a primeira dum Ministro da Marinha de Portugal e nela me foram pródigoamente dispensadas atenções, cuja recordação o tempo não conseguiu, sequer, esbater. As autoridades com que tive a honra de contactar, tanto as mais altamente colocadas, como todas as restantes, o acolhedor povo carioca e a numerosíssima e encantadora Colónia Portuguesa, foram inexcedíveis na sua simpatia.

Nesta minha segunda visita oficial ao Brasil, a qualidade em que venho é a mais elevada a que um português pode subir e a missão que estou cumprindo a mais sublime a que um amigo do Brasil poderia aspirar. Cheguei ao Rio no dia da Comunidade Luso-Brasileira, quatrocentos e setenta e dois anos passados sobre o da descoberta destas formosas terras de Santa Cruz, pelo navegador Pedro Álvares Cabral, e no dia em que entrou em vigor a convenção sobre a igualdade de direitos e deveres entre brasileiros e portugueses, nele fiz solene e emocionante entrega ao Brasil dos restos mortais do seu primeiro Imperador, que acompanhei desde Lisboa. E essa

entrega, que bem pode ter-se como símbolo evidente da compreensão portuguesa para tão natural aspiração do Brasil que de longe vinha, tornou-se realidade precisamente no ano maior que a Comunidade Luso-Brasileira tem vivido até hoje, pois nele se comemora cento e cinquenta anos de vida própria da grande Nação irmã, quatrocentos anos da primeira publicação de «Os Lusíadas», livro único na História comum das duas Pátrias e cinquenta anos da primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul, feito épico que abriu aos homens o conhecimento da arte de navegar conscientemente sobre os oceanos, através dos ares.

E ditas estas palavras, quero patentear, seguidamente, o prazer e a alegria que sinto por estar hoje aqui entre tantos e tão fiéis portugueses residentes na fascinante cidade do Rio de Janeiro, onde a influência portuguesa é consoladoramente palpável e onde se respira intensamente o espírito da Comunidade Luso-Brasileira, comunidade única no mundo, que dia após dia mais se vai robustecendo, tendo como um dos seus pilares o Brasil, a grande Nação ligada a Portugal pelos poderosos laços da História, da Língua dum concepção comum da vida. Na verdade foi fundamental a contribuição dos portugueses de todos os tempos para o engrandecimento territorial do Brasil e para a sua formação como Estado autónomo.

É meu dever, que muito gostosamente cumpro, o de testemunhar à Colónia Portuguesa do Brasil a enorme gratidão da nossa terra pelo ardente patriotismo que sempre e em todas as circuns-



Missa na Igreja da Candelária

tâncias tem revelado. A sua tradicional coesão em torno do ideal da Pátria e em apoio do seu Governo, constitui um alto exemplo de civismo que me é muito grato assinalar e enaltecer.

Também considero digna dos maiores louvores e merecedora do reconhecimento de Portugal e de toda a humanidade, a vasta obra cultural e de assistência realizada pelos portugueses neste país, ao longo de tantos e tantos anos. É de esperar que as actuais e futuras gerações, seguindo a orientação, sadia dos seus antepassados, não se poupem a esforços para preservar e fazer prosperar tão prestigiosas instituições, como são as beneficências e os gabinetes portugueses de leitura. Do mesmo modo devem ser acarinhadas e ajudadas as Associações Recreativas e Desportivas, como elementos agregadores dos núcleos portugueses no Brasil, e é igualmente de esperar que qualquer excessivo culto regionalista, ainda menos justificável aqui, não multiplique demasiado o número de associações, dividindo, em vez de congregar cada vez mais.

Pela recente convenção sobre a igualdade de direitos e deveres entre brasileiros e portugueses criou-se uma situação nova para os portugueses, deu-se, através desta convenção, o grande passo que constituía a ambição de todos os que aqui vivem, de uma equiparação, quase completa, com os brasileiros natos. Têm, deste modo, os portugueses do Brasil de participar na vida brasileira como se brasileiros fossem, sem contudo

nunca esquecerem de que continuam portugueses. A vossa maior integração na vida do Brasil até vos impõe uma maior obrigação de acompanhar mais de perto a evolução da nossa vida nacional. Os contactos directos e frequentes serão, quando possíveis, muito salutares a fim de se manterem ao corrente das realizações de Portugal de hoje.

Já foi tempo em que os portugueses manifestavam o seu patriotismo evocando apenas as glórias do passado. Sem que estas possam ser esquecidas, é indispensável que os portugueses levem a todas as partes o testemunho vivo de Portugal de agora, do Portugal das grandes obras públicas, dos grandes empreendimentos industriais, dos grandes projectos de carácter educacional e social, que em todo ele, europeu ou ultramarino, estão a ser executados ou são já uma realidade consoladora. É essa imagem do Portugal moderno e das suas grandes realizações que os portugueses que vivem no Brasil deverão dar a conhecer aos seus irmãos brasileiros, tanto ou mais ainda do que as manifestações folclóricas das suas terras natais. É para esse Portugal moderno, que com a maior tenacidade procura assegurar o progresso e o bem estar material e moral dos portugueses, de todos os credos e de todas as raças, que devem ir os nossos votos ardentes, com aquela fé inabalável nos destinos da Pátria que sempre inspirou os nossos maiores e nos continua a inspirar. Fé inabalável que a explicação do acelerado pro-



O Chefe de Estado discursando no almoço oferecido pela Colónia Portuguesa



No Estádio de S. Januário

gresso que se vem operando, também, no nosso ultramar, em simultaneidade com o êxito da defesa, pelos nossos bravos soldados — brancos e pretos — da sua integridade territorial, permanentemente ameaçada por um terrorismo vindo do exterior, fomentado e sustentado pelos inimigos de Portugal, que o são, também, da civilização ocidental.

Agradecido penhoradamente à numerosa e simpática Colónia Portuguesa do Rio de Janeiro a exemplar forma como tão entusiasticamente me acolheu, agradeço por igual as belas e amigas palavras que acabei de escutar e que com imenso agrado transmitirei ao povo de Portugal. E tendo V. Ex.^a Senhor Presidente da Federação brindado pelo Brasil e Portugal, que o mesmo é brindar pela Comunidade das duas Nações, pela irmandade entre os dois povos, eu brindo pelas maiores felicidades da Colónia e para que continue na sua constante e imprescindível coesão, factor essencial à manutenção do seu alto prestígio e alicerce seguro dum futuro cada vez mais harmónico e progressivo.

DESFILE DAS ASSOCIAÇÕES NO ESTÁDIO DE S. JANUÁRIO

Pelas 17 horas efectuou-se o acto de homenagem mais colorido do programa deste encontro, por um dia, dos portugueses do Brasil com o Presidente de Portugal: no Estádio do Clube Vasco da Gama, o Estádio de S. Januário, decorreu o desfile das associações portuguesas e luso-brasileiras.

«Viva o Presidente, viva o Brasil, viva Portugal» — tal foi a aclamação unânime que saiu de trinta mil bocas, que partiu de trinta mil pessoas reunidas, ontem de tarde, no Estádio de S. Januário, propriedade do popular clube Vasco da Gama, quando o Chefe do Estado português chegou ali, acompanhado por sua esposa e pela sua comitiva, para presenciar o desfile promovido pela Federação das Associações Portuguesas do Brasil e Luso-Brasileiras.

Depois, na sala de troféus do Vasco da Gama, o presidente da direcção do clube ofereceu ao Chefe do Estado português uma medalha, em

ouro, de campeão de mar e terra e uma placa, em prata, alusiva a esta sua visita ao estádio do clube.

NO CLUBE NAVAL

Finalmente, às 21 horas, o Presidente e a Senhora de Américo Thomaz dirigiram-se com as entidades oficiais da comitiva, e esposas, à sessão solene no Clube Naval do Rio de Janeiro, em que o Almirante Américo Thomaz foi proclamado sócio benemérito.

Durante a sessão o Almirante Dantas Torres, saudou o Presidente Américo Thomaz e entregou o diploma de sócio benemérito nas mãos do Ministro brasileiro da Marinha, que, por sua vez, o entregou ao Chefe do Estado português, convidando-o então a assumir a presidência da sessão.

PORTUGAL: PRESENTE E FUTURO DIGNOS DO PASSADO

Na mesa da presidência, usou então da palavra o Almirante Américo Thomaz, para agradecer o título com que fora agraciado e salientar que toda a sua vida consagrara ao mar, até assumir a chefia do Estado.

Falando de improviso, também salientou que Portugal está procurando preparar um presente

e um futuro dignos do seu glorioso passado, e concluiu acentuando que, se esse belo passado Portugal o legou também ao Brasil, Portugal tem hoje a certeza de que o Brasil prepara um belo e glorioso futuro para o grande país que já é.

Seguidamente, a senhora de Dantas Torres saudou na senhora de Américo Thomaz todas as mulheres portuguesas.

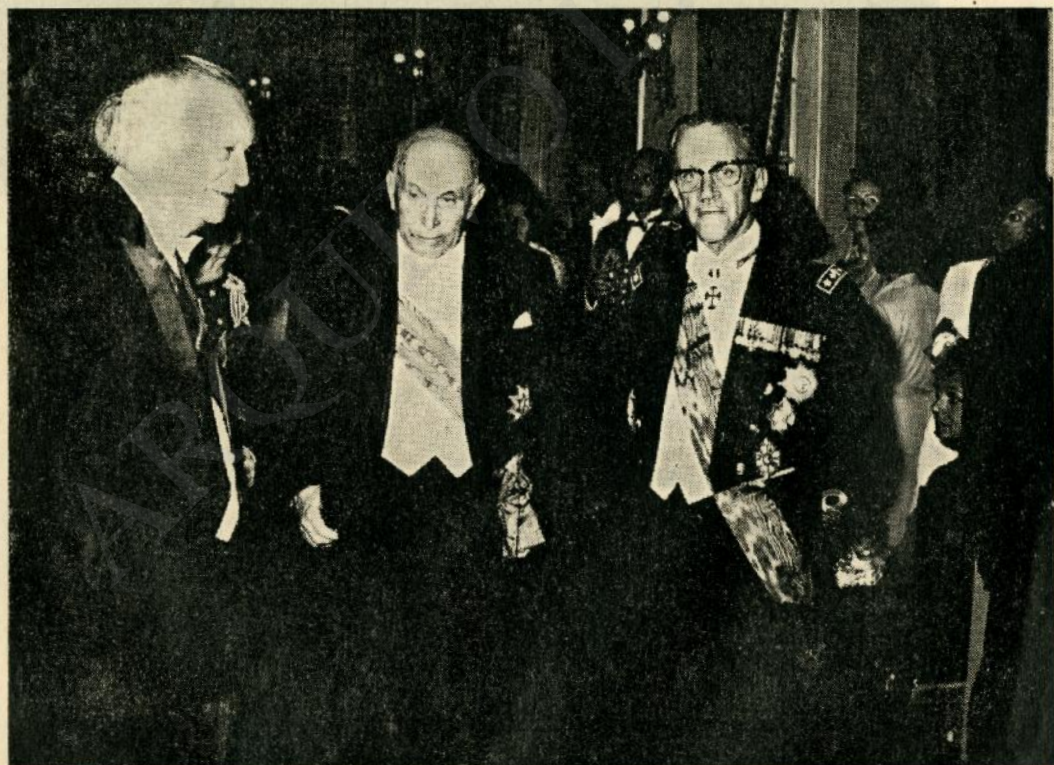
EM BRASÍLIA

Na manhã do dia 24, o Almirante Américo Thomaz e os elementos da sua comitiva deixaram o Palácio de São Clemente, onde se encontra instalada a Embaixada de Portugal, dirigindo-se em cortejo automóvel para o Aeroporto do Galeão.

Tanto ao deixar o edifício da Embaixada, como durante o percurso pelas ruas da cidade e à chegada ao largo fronteiro ao aeroporto, o Presidente Américo Thomaz foi aclamado por muitas centenas de pessoas, que acenavam entusiasticamente.

A chegada ao largo fronteiro ao Aeroporto do Galeão foi assinalada não só pelas aclamações populares mas, logo em seguida, pelos hinos nacionais de Portugal e do Brasil e pelas honras prestadas por uma guarda militar.

Recebido pelo Ministro brasileiro da Aeronáutica, Brigadeiro Araripe de Macedo, que



O Almirante Américo Thomaz no Clube Naval

representava o Presidente da República Federativa do Brasil, o Chefe do Estado dirigiu-se para a tribuna azul, erguida diante do relvado, onde vai ser erguido o monumento à primeira travessia aérea do Atlântico Sul, realizada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, passando entre alas de elementos da Polícia Aérea. O Almirante Américo Thomaz foi depois cumprimentado pelos ministros portugueses da Marinha e dos Negócios Estrangeiros, respectivamente Almirante Manuel Pereira Crespo e Dr. Rui Patrício. Acompanhava o Chefe do Estado, o Dr. José Manuel Fragoso, embaixador de Portugal no Brasil.

Seguiram-se os cumprimentos de outras entidades e altas patentes da Força Aérea Brasileira.

No relvado, o local onde se encontrava a primeira pedra do monumento estava rodeado por oito pilares, ligados entre si por correntes. A um e outro lado, em dois mastros, as bandeiras de Portugal e do Brasil, e elementos da Polícia Aérea, perfilados.

A pedra, circular, tinha ao centro uma placa, com a seguinte inscrição: «Pedra Fundamental — Monumento a Gago Coutinho e Sacadura Cabral — 24 de Abril de 1972».

«UMA SUCESSÃO ININTERRUPTA DE ESFORÇOS FRATERNAS»

Discursou então o Almirante Sarmiento Rodrigues, Presidente da Comissão Nacional das Comemorações do Cinquentenário da Primeira Viagem Aérea Lisboa-Rio de Janeiro, afirmando a dada altura:

«É, na verdade, o acto que aqui se realiza, um autêntico marco duma unidade que nem os séculos, nem as distâncias, nem o humor dos homens conseguiram destruir. Desde o dia primeiro da aparição do Brasil aos olhos deslumbrados e amorosos dos marinheiros e conjuntamente da revelação do ideal cristão aos doces corações das gentes primitivas.

A nossa história comum é assim uma sucessão ininterrupta de esforços fraternais no desbravamento, no engrandecimento do grande Brasil».

Historiando em seguida os acontecimentos que precederam a viagem dos aviadores portugueses, o Almirante Sarmiento Rodrigues terminou, sublinhando que «a viagem ao Brasil, pensada por Sacadura Cabral, é uma obra genial, digna do Infante de Sagres».

«Fora aproveitada uma rara oportunidade de afirmar Portugal no Mundo. O último rasgo da passada grandeza tinha sido a criação do Brasil. A travessia aérea do Atlântico Sul levaria Portugal de novo para o palco mundial. Como um descobridor. Visão política nacional, visão genial luso-brasileira.

É esta presença de Portugal e Brasil, irmanados nas suas raízes comuns e na sua projecção no futuro que este monumento simbólico virá representar, erguido pela vontade e para maior glória do Brasil».

«VERDADEIROS BANDEIRANTES DE NOVOS HORIZONTES»

Falou seguidamente o Ministro da Aeronáutica do Brasil, que, referindo-se aos aviadores portugueses como «bandeirantes de novos horizontes», afirmou que eles «escreveram no céu atlântico a continuação de um passado de glória».

E mais adiante, disse:

«Para rememorar este evento não podemos deixar de nos referir ao genial poeta de «Os Lusíadas», onde escreveu em letras de ouro: «Assim fomos abrindo aqueles mares que geração alguma não abriu. As novas ilhas vendo e os novos arcos que o generoso Henrique descobriu».

Bravo, grande e generoso povo que nos ensinou os mais belos exemplos, o culto da memória dos nossos antepassados».

O Almirante Américo Thomaz, acompanhado pelo Ministro brasileiro, colocou em seguida simbolicamente a primeira pedra do monumento, dentro da qual foi colocado um cofre contendo jornais portugueses e brasileiros com notícias alusivas e outros documentos relativos.

Momentos depois o Almirante Américo Thomaz e comitiva, o Ministro brasileiro das Relações Exteriores, Gibson Barbosa e esposa e outras individualidades partiam para Brasília.

Após a chegada àquela cidade, e depois de ouvir os hinos nacionais de Portugal e do Brasil, executados pela banda da F. A. B., e de passar revista a uma guarda de honra composta por uma Companhia de Fuzileiros Navais, de farda vermelha, uma Companhia do Exército, de farda verde, e uma Companhia da F. A. B., de farda azul, o Presidente Américo Thomaz, acompanhado pelo Embaixador de Portugal Dr. José Manuel Fragoso, recebeu os cumprimentos das autoridades brasileiras presentes, seguindo em seguida, num cortejo de automóveis para o Hotel Nacional.

Seguiu-se um almoço íntimo. Ao mesmo tempo o Ministro Rui Patrício visitava o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, com quem almoçou.

Ao princípio da tarde, o Ministro Gibson Barbosa visitou o Chefe de Estado Português e convidou-o a receber, ao fim da tarde, no Itamarati de Brasília, os cumprimentos dos chefes das missões diplomáticas acreditadas no Brasil.

TROCA DE CONDECORAÇÕES

Decorreu em seguida o primeiro encontro dos dois Presidentes em Brasília, no Palácio da Alvorada, ocasião em que o Presidente Emílio Médici recebeu das mãos do Presidente Américo Thomaz o grande colar da Ordem de Santiago da Espada e Américo Thomaz das mãos de Emílio Médici o grande colar da Ordem do Mérito Nacional, a antiga Ordem da Rosa, criada pelo Imperador D. Pedro I.

Além das condecorações que os Presidentes de Portugal e do Brasil trocaram entre si, o Presidente Américo Thomaz recebeu, ainda, do Ministro das Relações Exteriores do Brasil, a

grã-cruz da Ordem do Rio Branco, privativa do Ministério das Relações Exteriores.

A Ordem Nacional do Mérito foi, hoje, pela primeira vez, atribuída a personalidades que não sejam brasileiras: além da insígnia dessa Ordem hoje conferida ao Presidente Américo Thomaz, foi concedido o grau de grande oficialato da mesma Ordem ao Secretário de Estado da Informação e Turismo de Portugal, Dr. César Moreira Baptista.

Aas personalidades portuguesas condecoradas, além do Presidente Thomaz, foram: a senhora de Américo Thomaz, com a grã-cruz do Rio Branco; D. Maria Natália Thomaz, com a comenda do Cruzeiro do Sul; o Dr. Rui Patrio, com a grã-cruz do Rio Branco; e o Ministro da Marinha, Contra-Almirante Pereira Crespo, com a grã-cruz do Cruzeiro do Sul.

Foram ainda condecoradas mais as seguintes personalidades brasileiras: a esposa do Presidente Médici, com a grã-cruz da Benemerência; o vice-presidente Rademaker, com o colar da Torre e Espada; o Ministro Gibson Barbosa, com a grã-cruz de Santiago da Espada; a senhora Gibson Barbosa, com a Comenda de Cristo; o Ministro da Justiça, Moacir Amaral Santos, com a grã-cruz de Cristo; o Ministro da Marinha, Adalberto de Barros Nunes, com a mesma condecoração; o Ministro da Educação, com a

grã-cruz da Instrução; o Ministro da Aeronáutica, com a grã-cruz de Avis; o Chefe da Casa Militar, General Figueiredo, com a mesma condecoração; o Ministro Leitão Abreu, Chefe da Casa Civil, com a grã-cruz de Cristo; e o Chefe do Serviço Nacional de Informação, com a grã-cruz de Avis.

Depois da entrega das condecorações, o Presidente Médici entregou ao Presidente Américo Thomaz a espada de Almirante da Esquadra brasileira, lamentando que a Constituição não lhe permitisse conceder também o título de Almirante efectivo, que só pode ser dado a quem sirva nas Forças Armadas brasileiras.

O Almirante Américo Thomaz dirigiu-se em seguida para o Palácio do Itamarati, onde decorreu a cerimónia de apresentação de cumprimentos do corpo diplomático.

O dia terminou, ainda no Itamarati, com um banquete oferecido pelo Chefe do Estado Brasileiro e esposa ao Presidente Américo Thomaz e esposa.

Para o banquete, de 120 talheres, que foi servido num salão vermelho decorado com motivos portugueses, foram convidados todos os Ministros do Governo brasileiro e esposas.

Cerimônia da assinatura da declaração conjunta



CUMPRE A PORTUGAL E AO BRASIL MANTEREM-SE UNIDOS

Aos binds discursou em primeiro lugar o Presidente Médici, que disse:

«Estamos dispostos a conjugar os nossos esforços ao de todos aqueles que, compartilhando os mesmos princípios de respeito mútuo e igualdade de direitos, entre nações que se querem livres e soberanas, se disponham a combater as desigualdades provenientes de obsoleta estrutura de poderes e a impugnar as tentativas para estabelecer novas e inaceitáveis esferas de influências».

Ouvido por toda a nação, através de uma cadeia de emissores de rádio, o Presidente Médici dirigiu-se ao Chefe do Estado seu hópede, afirmando:

«É com intenso júbilo que a nação brasileira recebe V. Ex.^a. Na vida dos povos como na vida dos indivíduos, existem determinantes inelutáveis, imperativos existenciais, que lhes inspiram as atitudes, fecundam as iniciativas, retemperam as energias, moldam o carácter e prefiguram o destino. Ao longo da história, Portugueses e Brasileiros, temos sempre respondido a essas injunções sem esquecer jamais a vocação para manter íntegra a unidade espiritual dos nossos dois povos».

E, mais adiante:

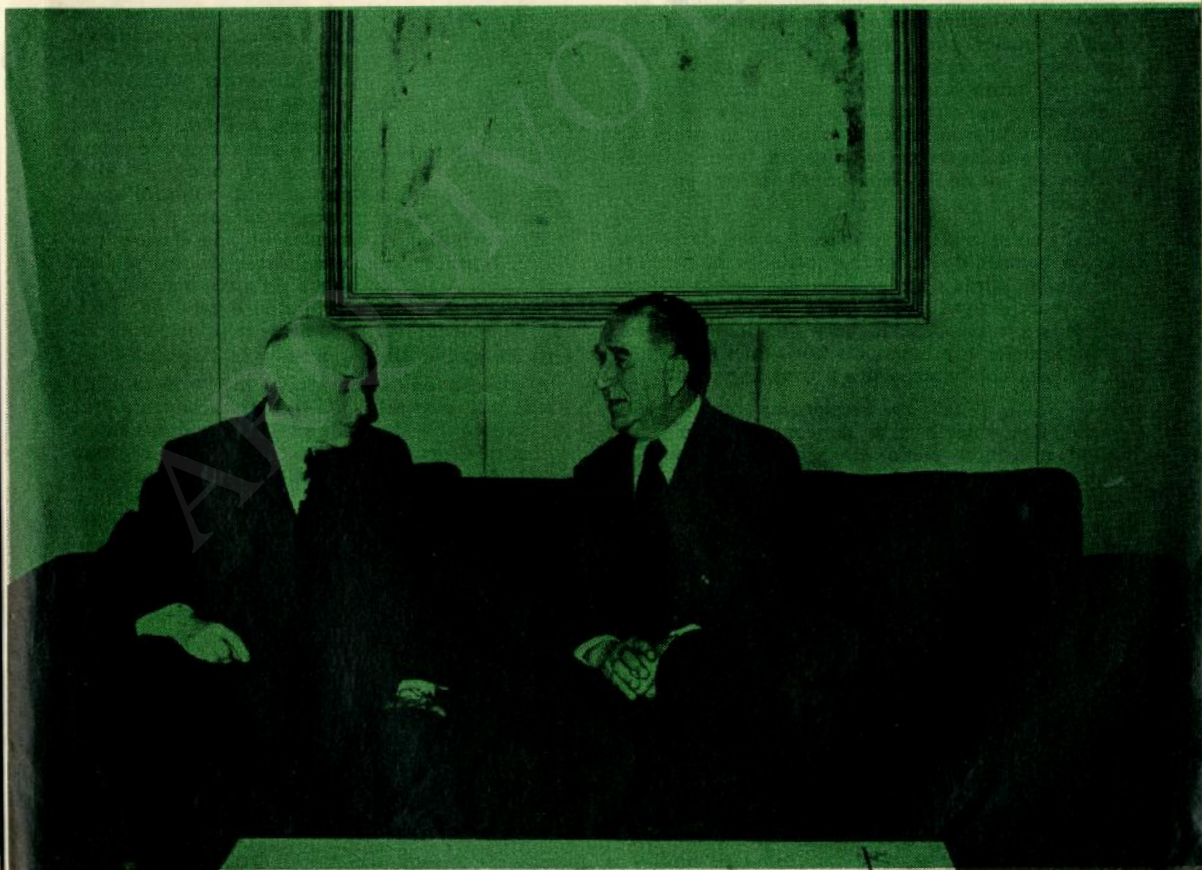
«Sabem os brasileiros, qualquer que seja a sua ascendência, da mesma forma por que o sabem os portugueses do outro lado do Atlântico, que integramos uma só família, temos as mesmas tradições, prestamos culto aos mesmos valores.

Por força dessa realidade, brasileiros e portugueses estarão reunidos, neste ano de 1972, para celebrar, irmanados, o sesquicentenário da independência.

O povo e Governo brasileiros rendem tributo, na pessoa de V. Ex.^a, ao eminente homem público que se tornou credor do respeito e do amor dos seus concidadãos por toda uma vida de assinalados serviços à Pátria, cuja dignidade tão superiormente encarna. Homenageiam, também, o estadista de visão ampla e coração largo, o amigo do Brasil que, auscultando o passado e contemplando o futuro, acedeu, num gesto sem paralelo, ao pedido que lhe fiz, como intérprete dos anseios do povo brasileiro, de autorizar a trasladação dos restos mortais do Imperador D. Pedro I do Brasil, o rei D. Pedro IV de Portugal, para que viessem repousar no Ipiranga ao lado da nossa primeira imperatriz.

Com inexcelsível generosidade, concordou V. E.^a, ainda, em confiar, pessoalmente, ao

Os dois Presidentes, no Palácio do Planalto, em Brasília



povo e Governo brasileiros os despojos de D. Pedro, para reverenciá-lo ao nosso lado, nas celebrações com que a nação os recebe.

Este gesto fraterno, calando fundo no coração de cada brasileiro, será lembrado com permanente gratidão, não somente por todos aqueles que, por meu intermédio, a manifestam, aqui e agora, de forma solene e comovida, mas também pelas gerações futuras, que nele reconhecerão o mais significativo e transcendente exemplo de espírito que anima a Comunidade Luso-Brasileira.

Bastaria isso — sublinhou o Presidente Médico — para assinalar a presença de V. Ex.^a entre nós como grande momento na história dos nossos povos, momento no qual se insere o culto do génio camoniano na comemoração do IV centenário de «Os Lusíadas», que este ano transcorre. Coincide, ainda, porém, a visita de V. Ex.^a, com outro acontecimento sumamente grato, qual é o da entrada em vigor em 22 de Abril, do estatuto de igualdade, coroa do processo evolutivo que remonta ao desenvolvimento harmónico e equilibrado da nossa comunidade, salientando-se, nomeadamente, os de carácter cultural, os de natureza comercial, os de feição previdenciária, bem como os de índole técnico-científica.

Numa sociedade em rápida transformação, cumpre que Brasil e Portugal se mantenham unidos, a fim de responderem eficazmente ao fascinante desafio do nosso tempo. Estamos dispostos a conjugar os nossos esforços aos de todos aqueles que, compartilhando os mesmos princípios de respeito mútuo e igualdade de direitos, entre nações que se querem livres e soberanas, se dispõem a combater as desigualdades provenientes de obsoleta estrutura de poderes e a impugnar as tentativas para se estabelecerem novas e inaceitáveis esferas de influência.

Sei que esse ideal é comum aos nossos povos. Estou persuadido de que, respeitadas as peculiaridades políticas e geográficas dos nossos países, das quais derivam, para um e para outro, compromissos e responsabilidades que lhes são próprios, amplos e promissores horizontes se rasgam à resoluta colaboração dos nossos Governos.

Coloca o Brasil, Sr. Presidente, entre os seus mais altos objectivos, o de cooperar com Portugal e manter como ele a sua tradicional e sólida amizade».

BRASIL E PORTUGAL: DOIS PILARES DE UMA COMUNIDADE CADA VEZ MAIS FORTE

Em resposta, o Presidente Américo Thomaz fez o seguinte discurso:

Senhor Presidente,

É com o mais profundo reconhecimento que agradeço a Vossa Excelência o honroso convite

que me dirigiu para visitar o Brasil nesta ocasião tão festiva para a grande Nação a que preside. É também grande e profunda a minha alegria por me encontrar de novo em Terra Brasileira — em Terras de Santa Cruz — agora em continuidades das anteriores visitas dos Presidentes António José de Almeida e Francisco Higinio Craveiro Lopes.

Nada poderia ser mais grato a um Chefe do Estado português do que ser convidado pelo Chefe da Nação Brasileira a participar nas solenes comemorações do centésimo quinquagésimo aniversário da emancipação política do Brasil e de poder assinalar a visita com a cedência ao Povo Brasileiro dos restos mortais do seu primeiro imperador. Tais factos dão o maior relevo à fraternal amizade que une os dois povos, que é a mais viva e permanente expressão da realidade da Comunidade Luso-Brasileira.

São profundos os laços históricos que unem Brasil e Portugal. Desde a descoberta desta Terra por Pedro Álvares Cabral até ao momento da proclamação da independência, sempre os monarcas portugueses deram atenção especial e desvelada às coisas do Brasil. Foram grandes e perseverantes o esforço e a contribuição dos nossos antepassados para fazerem do Brasil o portentoso País que hoje é. Desde os primeiros tempos da colonização, com a exploração do interior pelos bandeirantes e com a delimitação das fronteiras interiores, nas suas mais recônditas paragens da Amazónia, até ao Governo de D. João VI no Rio de Janeiro que, com um notável escol de homens públicos, foi incansável na fixação das fronteiras actuais do Brasil, os luso-brasileiros de então deixaram uma marca indelével na formação deste magnífico País, um dos mais vastos do Universo. A defesa do Brasil contra ataques externos e o seu engrandecimento territorial. A par da lingua e da concepção cristã monarcas e estadistas portugueses, como foi igualmente tenaz a sua preocupação com a abertura e incremento das comunicações do imenso território brasileiro e a consolidação da sua unidade territorial. A par da lingua e da concepção cristã e humana da vida, o profundo e arraigado espírito de unidade foi certamente a principal característica que o Brasil recebeu de Portugal.

A criação do Reino Unido de Portugal e do Brasil foi um acto político transcendente que reconheceram a maioridade política do Brasil numa autêntica Comunidade Luso-Brasileira. O regresso de D. João VI a Portugal deixou no trono do Brasil o Príncipe Real D. Pedro e a separação política de ambos os reinos fez-se em condições tais que só a maturidade política do Brasil e o particular carácter de ambos os povos poderiam ter conseguido. É, na verdade, uma glória para os dois países irmãos e uma lição para o Mundo que a separação política de ambos se tenha processado por uma forma pacífica e evolutiva e sem aquelas convulsões sangrentas que geralmente acompanham tais separações. E é, acima de tudo, também um justo título de orgulho para brasileiros e portugueses que, apesar dessa separação política, os dois povos tenham continuado a sentir, no mais íntimo das suas almas,

um vivo sentimento de irmandade, alicerçado num passado comum, numa língua comum e numa concepção cristã e profundamente humana de vida, também comum.

A Comunidade Luso-Brasileira não é, pois, uma simples criação do espírito: assenta em sólidos alicerces históricos que dificilmente poderão ser abalados. Nos tempos modernos, o Tratado de Amizade e Consulta, no domínio das relações entre os dois Estados soberanos, assinado em 1953, e a Convenção sobre a igualdade de direitos e deveres entre brasileiros e portugueses, no plano privado dos cidadãos, assinada no ano passado, dão a essa Comunidade uma tipicidade sem paralelo na história dos povos.

Brasil e Portugal, de ambos os lados do Atlântico, com os seus vastos territórios, constituem dois pilares de uma Comunidade de nações irmãs cuja projecção no Mundo é cada vez mais forte e visível.

O Brasil, com o seu vastíssimo território, a sua considerável e rapidamente crescente população, as suas riquezas naturais, a sua moderna indústria, o seu dinamismo económico, a sua cultura prestigiosa, o peso da sua opinião no concerto mundial, constitui uma poderosa unidade política com indubitável posição de relevo entre as grandes Nações.

Por seu lado Portugal, europeu e ultramarino, está hoje também empenhado numa obra cuja grandeza lhe é ditada pelas responsabilidades de Nação criadora de Nações, berço de uma cultura profundamente humana e sempre viva. É hoje considerável e em ritmo sempre crescente o nosso esforço de progresso económico e social e a grandeza dos nossos empreendimentos, na Europa ou na África, que a muitos causa espanto e a alguns adversários impenitentes suscita aberto despeito, têm triunfado e continuarão a triunfar de todas as dificuldades. E isto deve-se, fundamentalmente, à grande determinação e tenacidade do povo português.

Por isso a Comunidade Luso-Brasileira, compreendendo um ideal de unidade de duas Nações ligadas por seculares laços fraternais, mas ambas grandes no seu passado, no seu presente e seguramente maiores, ainda, no seu futuro, abarca igualmente a defesa de interesses e posições específicas de cada uma das suas partes. É dentro desse espírito de unidade, que não restringe a independência política de cada um dos seus membros, que a Comunidade pode servir os povos que a constituem, bem como os objectivos e ideais da Humanidade em geral. E se formos fortes e unidos, juntos poderemos certamente defender os valores comuns melhor que separados.

Daí que o recente esforço das relações entre os dois países deva ser acolhido com agrado e entusiasmo, não apenas por ambos, mas também pelas restantes Nações.

Merece, pois, todo o encorajamento e apoio que lhe possamos dar, o contínuo labor de brasileiros e portugueses no sentido de desenvolver cada vez mais, dia após dia, as relações culturais, económicas e políticas entre ambos os Países. Muito se tem realizado já no domínio das relações culturais com o intercâmbio de

professores e alunos, de técnicos e de cientistas, com a celebração de acordos linguísticos e com a participação em exposições e congressos. No domínio das relações económicas, depois dos acordos de 1966, estimularam-se consideravelmente as relações luso-brasileiras, quer por intervenção das autoridades, quer por iniciativa das empresas privadas de ambos os países, resultando um incremento e uma maior diversificação das trocas de produtos e de serviços numa maior participação em feiras e concursos públicos e uma intensificação da cooperação bancária. Finalmente, no domínio das relações políticas, tem-se afirmado nos últimos anos, de forma a considerar-se já tradicional, o hábito da consulta e da informação mútuas em matérias políticas de interesse comum.

É este o caminho certo; é este o caminho que a nossa Comunidade deverá continuar seguindo, sem desvios ou desfalecimentos e antes com crescente persistência. A brasileiros e portugueses cabe tornar a Comunidade indestrutível, perfeita e permanentemente actuante, para maior glória das duas Pátrias irmãs, cujas raízes comuns mergulham num mesmo passado de gloriosa epopeia, maravilhosamente sublimada por Camões, nos seus e nossos imortais Lusíadas.

Senhor Presidente:

Saúdo na pessoa ilustre e prestigiosa de V. Ex.^a a nobre e grande Nação brasileira. Em nome de todos os portugueses espalhados pelos quatro cantos do Mundo, felicito vivamente o irmão Brasil pelos seus cento e cinquenta anos de independência, gostosamente comungo na sua alegria e faço os mais fervorosos votos para que esta nobre Nação continue, na senda da ordem e do progresso, a realizar o bem-estar de todos os seus filhos. Nesta maravilhosa capital voltada para o futuro, cujos magníficos, modernos e belos edifícios bem testemunham o génio brasileiro, tenho a profunda certeza do grandioso destino que espera o Povo brasileiro e no meu peito de português e marinheiro confesso que grande é o meu orgulho por a ele me sentir ligado pelos perenes laços duma História maravilhosa e comum.

Brindo à saúde de V. Ex.^a, Senhor Presidente da República Federativa do Brasil e da Senhora de Garrastazu Medici, à prosperidade do Povo Brasileiro e ao extraordinário porvir que o espera e que antevejo com orgulhoso entusiasmo.

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO-GERAL DA INFORMAÇÃO

SECRETARIADO DE ESTADO
DA INFORMAÇÃO E TURISMO

Administração e Redacção:
Palácio Foz • Lisboa • Portugal

Publicação Semanal — 75 000 exemplares

Direcção: F. Freitas Santos

Ano XXVI • N.º 1304 • 29-4-72

Impresso no Anuário Comercial de Portugal
Lisboa • Portugal



P-R 30-16